

# A experiência de imigração e a construção situada de identidades

Maria do Carmo Leite de Oliveira  
Liliana Cabral Bastos\*

*As aventuras acontecem com  
quem sabe contá-las.  
(Henry James)*

## Resumo



retende-se neste trabalho examinar a noção de reportabilidade como um componente central no processo de exposição da identidade do narrador, seja em suas dimensões locais e situadas, seja em suas dimensões históricas e sócio-culturais. A análise de histórias de vida de dois imigrantes portugueses, contadas em situação de entrevista, mostra que a reportabilidade não é apenas uma condição estrutural da narrativa, mas é um produto do processo interacional em que ocorre.

Palavras-chave: Narrativa, Identidade, Imigrante, Reportabilidade.

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

## Introdução

A discussão sobre temas como imigração e diáspora envolvem, necessariamente, questões de identidade e de trabalho. O modo pelo qual nos reconhecemos e queremos ser reconhecidos está diretamente associado às nossas relações com o mundo, o que inclui a nossa relação com o trabalho. Relatos sobre a experiência da imigração são, portanto, ocasiões privilegiadas para o estudo do modo como narrativas envolvendo histórias de trabalho sustentam identidades.

Na última década, os estudos discursivos da narrativa abandonaram progressivamente interesses básicos iniciais, como a identificação de componentes estruturais, para focalizar outras dimensões da construção narrativa, como o que significa contá-las e como o relato das experiências é situado social, cultural e interacionalmente.

É nesta visão de narrativa como uma atividade global e localmente situada que nos propomos examinar a noção de reportabilidade, introduzida por Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972). Para os autores, o que faz a recapitulação de experiências ser uma narrativa, e não um relatório, por exemplo, é o fato de ela remeter a um acontecimento específico, e não a hábitos passados ou ações recorrentes, ser estruturada numa seqüência temporal, ter um ponto e ser contável.

O ponto é a razão de ser da narrativa, o motivo pelo qual ela é contada, o que normalmente está relacionado ao tópico da conversa. Já a qualidade de ser 'contável' – a denominada reportabilidade – diz respeito ao fato de ela ter que se referir a algo extraordinário. Como lembra Bastos (no prelo), acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade.

Em narrativas de imigrantes, o ponto do relato são, em princípio, as experiências relativas à imigração: desde a tomada de decisão de imigrar até a experiência de vida na cultura hóspede. São reportáveis os fatos que marcam essa história, como as dificuldades, as surpresas, os sucessos e insucessos, dentre outros.

Mas histórias de vida, como mostra Linde (1993, p.20), são modos de contar aos outros como nos tornamos quem somos, de comunicar aos outros o que eles devem saber sobre nós, como queremos ser identificados. Logo, a auto-apresentação pode ser também um ponto da narrativa.

Nesse sentido, a característica da reportabilidade pode não estar limitada àquilo a que o nosso conhecimento de mundo reconhece como um fato extraordinário. O 'contável' pode estar associado a outros fatores, como a razão que levou o narrador a escolher, dentre outros fatos 'contáveis', aquele que será tratado como um fato extraordinário.

Considerando que, a cada momento do ato de narrar, o narrador pode fazer diferentes "apresentações do eu" (Linde, 1993), pretendemos, neste trabalho, investigar a reportabilidade como um componente central no processo de exposição da identidade do narrador, seja em suas dimensões locais e situadas, seja em suas dimensões históricas e sócio-culturais.

As narrativas de imigrantes que serão analisadas compõem um corpus de uma pesquisa mais ampla, fruto de um acordo de cooperação acadêmica Brasil-Portugal, entre a CAPES- ICCTI (Oliveira, 1999, no prelo). Essas narrativas foram contadas, em situação de entrevista, por dois imigrantes portugueses, um de 81

anos - Manuel - e outro de 93 anos - Arnaldo -, que vieram para o Brasil, o primeiro aos 19 anos, em 1938, o segundo, aos 14, em 1923. As entrevistas foram conduzidas por duas pesquisadoras, uma delas filha de imigrantes portugueses, o que certamente influenciou nas entrevistas, dado o seu conhecimento e experiência na comunidade portuguesa no Rio de Janeiro.

As entrevistas foram realizadas na casa dos informantes, entre 2001 e 2002, e a todos os entrevistados foi pedido que falassem sobre a decisão de deixar Portugal e sua vida no Brasil. A duração foi de, aproximadamente, uma a duas horas.

Para uma melhor compreensão dos pressupostos que orientaram nossa análise, iniciamos explicitando a visão aqui assumida sobre identidade e narrativa, e apresentando sumariamente uma discussão sobre as relações entre identidade e trabalho, no velho e no novo capitalismo. Introduzida a perspectiva teórica, passamos para a análise dos dados, investigando a questão da reportabilidade, considerando três grandes tópicos: a saída; a vinda e chegada; e o trabalho. Na última seção, apresentamos as considerações finais.

## 1 Identidade, narrativa e trabalho

Estamos entendendo identidade como um processo de exposição e interpretação de posições sociais, papéis, status, etc. (OCHS, 1993), com a possibilidade de conflito entre eles (MISHLER, 1999). Estamos também tratando da identidade como um ato performativo (MISHLER, 1999; BAUMAN, 1986), isto é, como algo que necessariamente fazemos quando mostramos quem somos a cada momento de um encontro social, em função de fatores interacionais e interpessoais. E, finalmente, como Giddens (1991 a), compreendemos identidade como uma construção de estabilidade do self, conseguida por um senso de continuidade biográfica que um indivíduo comunica aos outros, e não como um conjunto fixo de propriedades que os indivíduos possuem.

No processo de construção identitária, nas interações cotidianas, são também incluídas dimensões de natureza mais afetiva, que os indivíduos introduzem em relação a eles mesmos e aos outros, tais como ser alegre, ou corajoso, ou determinado. Será, em grande parte, com apoio no trabalho de Erving Goffman que examinaremos a dinâmica situada de expor e interpretar atribuições identitárias, referentes tanto a categorizações sociais mais amplas quanto a atribuições mais locais e individuais. Para tal, contamos com os estudos de Goffman voltados para a *representação do eu* ([1959] 1989), para o *trabalho com a face* ([1967] 1980) e para os *alinhamentos/footings* ([1981] 2002) projetados nas diferentes situações de interação.

À complexidade inerente ao fenômeno identitário, devemos acrescentar a experiência contemporânea da transformação e fragmentação de modelos e categorias sociais tradicionalmente mais estáveis, tais como as de nacionalidade, gênero e profissão, entre muitas outras (cf. HALL, [1992] 1999; GIDDENS, 1991 a, DUBAR, 2000; LOPES, 2002). Essa crise de identidade, ou esfacelamento de padrões sociais tradicionais, tem sido vinculada aos avanços tecnológicos que permitem a comunicação cada vez mais rápida entre indivíduos e grupos sociais.

Essa velocidade nas comunicações leva a profundas transformações, não apenas na organização social global, mas também na nossa vida cotidiana.

Os estudos de identidade têm caminhado em profunda sintonia com os estudos de narrativa. Pesquisas de diferentes tradições têm discutido como os indivíduos se apresentam quando contam histórias. De acordo com uma perspectiva construcionista, desenvolvida sobretudo no âmbito da psicologia social, ao narrar o indivíduo não apenas organiza sua experiência (BRUNER, 1990), como também configura a sua concepção de quem é. Como observam Gergen e Gergen (2001) “a identidade de uma pessoa não é um evento súbito e misterioso, mas um resultado razoável de uma história de vida” (GERGEN e GERGEN, 2001, p. 162). Nessa trajetória de vida, os indivíduos, utilizando-se de sua capacidade de agentividade, se defrontam com a coerção das estruturas sociais (DAVIES e HARRÉ, 1990).

Na sociolinguística, as narrativas também têm sido vistas como formas de dar sentido a experiências (JOHNSTONE, 2001) e de produzir ou reproduzir identidades (cf. LINDE, 2001; SCHIFFRIN, 1996). Através das histórias que contamos, comunicamos o sentido de quem somos, nossos valores e crenças (cf. OLIVEIRA e BASTOS, 2001; BASTOS e Oliveira no prelo; OLIVEIRA e SILVEIRA, 2002).

Desde Labov and Waletzky (1967), discute-se como os indivíduos se apresentam quando contam histórias, como eles constroem narrativas de sua experiência pessoal, que traços são usados para construir uma imagem positiva do narrador, que estratégias linguísticas fazem emergir as identidades reivindicadas.

Muitos pesquisadores concentram-se em narrativas de experiência pessoal, em histórias de vida. De acordo com Linde (1993), por exemplo, histórias de vida funcionam para a criação de identidades pessoais, porque, quando contamos histórias, estamos dizendo como nos tornamos e transmitimos o que outros precisam saber sobre nós.

Mishler (1999), no contexto da psicologia social, mas lançando mão de construtos sociolinguísticos, analisa histórias de vida como ‘praxis’, um termo da tradição marxista usado para referir a posição dupla do indivíduo: o agente que atua e transforma o mundo, ao mesmo tempo que reflexivamente responde a esse mundo. Para o autor, narrativas são ações sociais situadas; performances de identidade e fusões de forma e conteúdo. É através das narrativas que expressamos, mostramos, reivindicamos quem somos – e quem gostaríamos de ser (1999). Muito da pesquisa de Mishler volta-se para a análise de trajetórias de vida profissional, colhidas em entrevistas de pesquisa, focalizando a construção de continuidades e descontinuidades nos relatos.

Outra importante contribuição para a reflexão em torno das questões de identidade e trabalho, envolvendo entrevistas de pesquisa, é a de Sennett (2001). O autor chama a atenção para o modo como o significado do trabalho está interligado com o sentido que damos às nossas vidas, com a identidade que reivindicamos ou que nos é imposta. A partir de um confronto entre a história de vida de um imigrante, entrevistado para uma pesquisa anterior, Sennett mostra como um tipo de capitalismo flexível que pede aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças de curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais,

‘corrompe o caráter’, ao colocar em conflito a experiência e o caráter - os traços pessoais a que damos valor e pelos quais buscamos ser valorizados.

É a partir dessa inter-relação entre identidade, narrativa e trabalho no velho capitalismo, que passamos a examinar a questão da reportabilidade nas narrativas que se seguem.

## **2 O relato da saída: reportabilidade e construção das dimensões identitárias privilegiadas**

Como salienta Bourdieu ([1986] 2001), em entrevistas de histórias de vida, a vida é contada à maneira de uma história bem construída. Há uma organização lógica e cronológica, e manifestações sucessivas de identidades são apresentadas como uma constância e uma unidade.

No caso das nossas entrevistas, essas histórias também são construídas assim. Elas se iniciam com o relato – maior ou menor – dos fatos que envolvem a motivação para a imigração e prosseguem dando consistência à primeira impressão que o narrador dá de quem é ou de como gostaria de ser identificado, seja pelos investigadores que os escutam, seja pela audiência que, supostamente, terá acesso àqueles dados.

Nossos entrevistados, como muitos portugueses, vieram para o Brasil à procura de posições no mercado de trabalho e, conseqüentemente, de uma vida melhor. No período da imigração, Portugal estava sob uma grave crise – um país pobre social e economicamente atrasado, com a mais alta percentagem de iletrados na Europa, conflitos com a Espanha e restrições políticas durante a ditadura de Salazar. De acordo com Lourenço ([1978] 1992), quase um terço da população teve que imigrar nesse período. Ambos os entrevistados tiveram sucesso em seus objetivos de ascensão social através do trabalho árduo, conseguindo sociedades em negócios e formando famílias. Hoje, ambos fazem parte de uma classe média, e Arnaldo é um reconhecido membro da comunidade portuguesa no Rio, tendo ocupado altos cargos em diferentes instituições portuguesas (BASTOS e OLIVEIRA, 2002).

Arnaldo veio de uma comunidade rural, mas com uma ‘educação afidalgada’ (em suas palavras), pois sua família teve uma origem abastada. No entanto, a viuvez precoce da mãe e a necessidade de criar seis filhos, obrigou-o, como filho mais velho, a buscar a sorte no Brasil. É através dessas localizações identitárias – de região, classe social, núcleo familiar – que ele abre a sua narrativa e se apresenta<sup>1</sup>:

### **(1)**

Arnaldo: eu nasci na província de Beira Alta, (...) são muito íngremes, difíceis de trabalhar, e o único trabalho que existe por lá, ou existia por lá, era o campo. (I.O) e o campo, o homem nem sempre trabalhava o ano inteiro... havia muitas dificuldades (I.O) e assim sendo, tinha

<sup>1</sup> Ver convenções de transcrição em anexo.

muita gente que sonhava em vir para o Brasil. Que o Brasil, para os portugueses então, era uma continuação da própria terra. Eles apenas tinham em mente, que não faziam idéia pra onde vinham e que iria e quando seria. Mas traziam um desejo muito grande de vencer, de trabalhar, de ir em frente. (2.0) então, com 14 anos, vim para o Brasil. e podia dizer por essas circunstâncias. só que a minha, foi um pouco mais agravada porque o meu pai morreu com 36 anos. e deixou seis filhos, eu era o mais velho. e tinha nessa ocasião, quando ele morreu, outubro de 1923, eu tinha 14 anos. (2.0)

Como quem localiza uma cena num cenário maior, Arnaldo justifica, inicialmente, a imigração por fatores ecológicos, culturais e afetivos – a região, a relação dos portugueses com o Brasil, e o espírito de aventura e luta que caracteriza a história de um povo que cruzou mares para “ir em frente”. Depois, fechando o ângulo da cena, ele faz referência a uma motivação específica e privada – a má situação financeira da família –, apresentada apenas como um agravamento daquelas condições referidas.

É a sua identificação como filho mais velho e de 14 anos que vem para o Brasil com a missão de ‘salvar a família’ que sinaliza o enquadre<sup>2</sup> que será dado à sua história de imigrante e ao seu perfil. É, nesse contexto, que Arnaldo se apresenta, não como uma vítima, mas como autor de uma história, que lhe foi imposta aos 14 anos.

A repetição da referência à idade não é explicável apenas pela extraordinariedade do fato de um menino tão novo, retirado subitamente do aconchego familiar, ter um desafio tão grande pela frente. A repetição, por um lado, enfatiza para a audiência os valores morais – como a família – e a capacidade do narrador para enfrentar dificuldades pelo bem da família. Por outro lado, ela parece ser ainda uma tentativa de Arnaldo entender como conseguiu encontrar forças para cumprir o ‘destino’ que lhe foi reservado.

Já Manuel veio da cidade onde já tinha um modesto trabalho. Embora se referisse, em outro momento de sua narrativa, à sua insatisfação com o ambiente da ditadura e também às oportunidades que o Brasil poderia lhe oferecer, ele aponta, na abertura, apenas a motivação romântica para a sua saída – um namoro com uma moça que tinha vindo para o Brasil. É, portanto, por uma decisão voluntária que justifica a imigração e abre a entrevista:

## (2)

Manuel: eu passei até a namorar uma das filhas, a mais nova, com dezesseis anos eu tinha dezoito e naquela de conviver assim (...) esta é a razão que eu vim para o Brasil. Eu pensei eu tentei ir para a Angola onde lá eu tenho um parente que era do governo da Angola, mas o governo português não dava passe para embarcar menor isto foi

<sup>2</sup> Enquadre refere-se a estruturas de expectativas que afetam a forma como interpretamos (ou re-interpretamos), lembramos, categorizamos aquilo que conhecemos. Capta também aquilo que dizemos, como intencionamos dizê-lo, a maneira como é percebida pelo ouvinte e como construímos atos (lingüísticos ou de outra natureza) em conjunto com o interlocutor. (Ribeiro e Hoyle, 2003).

estipulado em 1938 (...) eu já tinha arranjado um empregozinho, havia uma dificuldade enorme de empregos em Portugal. Também nós hoje atravessamos aqui... tinha uma situação para ser... trocador de: um um ônibus tinha que ter estudo e eu naquela ânsia ... de melhores dias ... que já é uma aventura dos portugueses, ânsia de ter melhores dias e tal ... mas tinha um empregozinho que me dava segurança

Manuel, diferentemente de Arnaldo, escolhe contar sobre suas razões para sair um traço que se tornará relevante em suas histórias – as relações pessoais e as mulheres. Esse parece ser um fator decisivo na seleção dos fatos ‘contáveis.’ Outro fator relevante para o que é contável, no seu processo de identificação, é o que o distingue dos imigrantes portugueses da fase inicial. Ele se apresenta como quem tinha um ‘empgozinho’, tinha estudo e tinha amigos e familiares com um certo prestígio (*eu tenho um parente que era do governo de Argola*).

Tanto em Manoel como em Arnaldo ‘o que é contável’ no relato das motivações de saída está também associado ao perfil aventureiro do povo português (BASTOS e OLIVEIRA, 2002; BASTOS, 2003). A busca de novas terras, as grandes navegações, as colônias na Ásia, África e América do Sul, de séculos atrás, alimentam ainda hoje a visão do português como um aventureiro. É pela necessidade de aventura que Manuel justifica trocar ‘um pequeno emprego que lhe dava segurança’. A cultura de navegação, do império da aventura é ainda presente no Portugal moderno (SOARES, 2002; LOURENÇO, 1992[1978]) e recorre nas narrativas de ambos imigrantes, como quem assemelha a extraordinariedade do seu feito à dos feitos dos portugueses de séculos atrás.

O primeiro momento da narrativa, portanto, é um momento de apresentação de credenciais. A extraordinariedade dos fatos contados torna relevante determinadas dimensões das identidades, que serão mantidas como atributos estáveis e definidores dos narradores.

### **3 O relato da viagem de vinda e da chegada: reportabilidade e a sustentação das dimensões identitárias privilegiadas**

A vinda para o Brasil foi um tópico bastante explorado nas narrativas também de outros portugueses, entrevistados no âmbito do projeto já referenciado. Nos dois casos agora em análise, no entanto, as histórias relativas à vinda só foram consideradas contáveis para Arnaldo. Uma das razões para isso pode ser atribuída à sua habilidade em contar histórias.

Como já demonstrado no relato sobre as motivações para a vinda, Arnaldo sabe, como o diretor de um filme, explorar as cenas que atraem a atenção de seu público. A vinda para o Brasil é contada em vários momentos: a saída da terra natal, a viagem para o embarque na cidade do Porto, o embarque em Lisboa, devido aos problemas do mar no Porto, e a longa viagem até o Brasil. Em todos os relatos, percebe-se um tom épico que reforça, simultaneamente, a identidade do português que enfrenta os mares, como descrito em *Os Lusíadas*, e a personalidade de um menino que enfrenta tudo estoicamente. Ainda como um

diretor experiente, Arnaldo equilibra as cenas épicas, com as líricas, como a do deslumbramento com o mar, quando chegou ao Porto (*eu só conhecia o rio*), a presença afetuosa da avó, que, na hora da despedida, lhe dá um bule, pó de café e broa, para enfrentar os possíveis enjões.

Todas as histórias têm como fio condutor a representação da saga de um menino de 14 anos que, sem preparo físico ou psicológico, enfrenta o seu próprio Adamastor:

### (3)

Arnaldo: eu ia com um primo meu, que era brasileiro, e havia ido a Portugal para se tratar da saúde. e naturalmente que poderia fazer por mim ( ) mas a minha falta de experiência e de preparo físico e principalmente de ( ) atrapalhava um pouco, segue-se que então, ... quando cheguei em Lisboa, no dia à tarde, no dia dois, lá pelas dez horas da manhã, ou coisa parecida, o barco eh não encostou, ficou a largo o navio. e nós fomos levados numas (chatas) puxadas por um ( ) para chegar ao navio. começou aí a minha via crucis. primeira é que, já o balanço das (chatas) constantes, constante, constante, já influiu no meu estado. segunda é que só se chegava ao ( ) do navio, onde se estavam dois marinheiros fortes, quando a onda ia lá em cima. quando ela passava, vinha cá embaixo. (...) mas eu até fiquei com medo de vir pra última (chata). E foi pior porque ( ) aqui. e consegui, a muito custo, lá já tarde da noite, entrar no navio. como eu disse, eu estava fraco de tudo.

Também o que define o que é contável no caminho da vinda ao Brasil é o sacrifício e o sofrimento. Arnaldo associa a sua experiência de primeiro marinheiro à paixão de Cristo (*começou aí a minha via crucis*) e, com numa via sacra, dispõe, em sua narrativa, os quadros que representam as principais cenas de sua 'paixão' no navio. A primeira delas é a da primeira noite. Depois de todo o esforço para embarcar, Arnaldo se perde do primo e acaba por passar a primeira noite 'jogado' no convés do navio:

### (4)

*Eh me joguei lá no convés do navio e pra lá fiquei jogado.(...) Mas quando de manhã os homens vão lavar o convés, eles me acharam. (...) Quando eles me acordaram, eu disse que estava no camarote x.*

A cena mais uma vez ratifica a história do menino abandonado à própria sorte, mas ao mesmo tempo de um menino corajoso, capaz de mudar essa sorte. A entrada no navio é descrita como o primeiro ato de coragem: "*e me joguei lá no convés*", apesar das ondas que dificultavam sua saída da chata. A primeira noite em alto-mar como os limites da sua resistência (*e pra lá fiquei jogado*). É como um pacote abandonado que descreve sua noite de sono no convés: "*quando de manhã me acharam*".

O próximo quadro mantém as condições de reportabilidade de uma típica via sacra. Arnaldo relata as agruras da viagem em função da falta de costume

com o balanço do navio e da localização do camarote que compartilhava com mais três pessoas:

**(5)**

Arnaldo: Mas se eu tinha passado mal ali (convés), passei muito pior lá. Porque, aquilo que fica no convés lá embaixo, o cheiro das tintas e os desinfetantes me revolucionaram toda a parte digestiva, e eu vomitava até que não ( ). é uma coisa terrível. e assim passei as primeiras vinte e quatro horas, e nas segundas vinte e quatro horas, eh me recolheram ao hospital.

Mais uma vez, observa-se, através da riqueza de detalhes, como o narrador situa as condições de sofrimento do “marinheiro de primeira viagem” e de alguém que já não se via mais como agente dos acontecimentos. No convés ele ficou jogado e foi achado como um pacote. Sua ida para o hospital também é descrita como um ato sobre o qual teve pouca influência (*eh me recolheram ao hospital*)

Mesmo depois da saída do hospital, os ‘quadros do sofrimento’ se sucedem. Fala do jejum imposto pelos enjoos, o que é só quebrado por uma alimentação reduzida ao café e à broa, dados pela avó. A chegada é apresentada dentro do mesmo enquadre:

**(6)**

Arnaldo: cheguei ao Brasil, no dia dezesseis de março de mil novecentos e vinte e três, e achei que ia morrer de calor. também, eu vinha com um jaquetão daqueles que tinha três botões, ( ) por dentro e outro por fora. as roupas de Portugal são todas de lã. e já estava calor e eu aqui, com a carinha muito fuinha, com as orelhas enormes, e devia pesar talvez uns trinta e cinco quilos, por aí assim, tinha um metro e quarenta e cinco de altura. Foi o meu avô e o meu tio me esperar a bordo, e lá me trouxeram, me deram de comer, e QUARto pra dormir (sem ficar hospedado com eles).

A primeira impressão da cidade – como uma cidade ‘extraordinariamente’ quente (*Achei que ia morrer de calor*) – parece indicar que a via crucis continuaria. Não só um ‘calor que mata’ dá a cor local da cidade. A referência ao calor serve também para ‘pintar’ o personagem. Se a descrição da roupa reforça a idéia do calor sufocante, a descrição do porte físico (*Com a carinha muito fuinha, Com as orelhas enormes, E devia pesar talvez uns trinta e cinco quilos*) delinea o homem que quer ser admirado pelos atributos morais que lhe permitiram vencer as limitações físicas. Mais uma vez, assemelha-se a valentia do narrador à valentia do povo português que enfrentou mares ‘nunca dantes navegados’, como diz Camões.

Na narrativa de Arnaldo, a reportabilidade não se limita, portanto à extraordinariedade do fatos. Ela serve a performance identitária do narrador, o que inclui a sua exposição como português, imigrante e homem forte que, pela família, é capaz de qualquer sacrifício.

Já na narrativa do relato da chegada de Manuel ao Brasil, fica claro que a reportabilidade está vinculada a outro tipo de perfil identitário:

**(7)**

Manuel: e em um mês eu recebi uma carta do consulado brasileiro para me apresentar ... para me ser concedida: o embarque ( ) ao Porto ... uma facilidade muito grande e a dezenove de fevereiro ... e: (não) a treze de fevereiro de mil novecentos de trinta e nove entramos no navio de ingleses e cheguei aqui dia dezenove de fevereiro de mil novecentos e trinta e nove quando se cantavam ... na maior satisfação carioca aquela cantiga “Ó jardineira porque estas [tão triste ((cantando))

Entrevistadora: [tão triste ((cantando))

Manuel: eu nunca me esqueci ( ) quando eu desembarquei do navio e me deparei com com uma situação daquelas fiquei realmente aquilo que eu já tinha mesmo ( ) tinha visto em filme o carnaval no Rio de Janeiro e tal, mas aquilo me deu um esplendor enorme ...

Manuel não considera ‘contável’ nenhum fato relativo à saída de Portugal ( como estava o mar, como entrou no navio) ou à viagem até o Brasil. E, embora tenha chegado ao Rio de Janeiro também no verão, em fevereiro, não é do calor extraordinário que ele guarda lembrança. O que ele escolhe contar é a festa do povo na rua (era Carnaval), é a cantiga que lhe evocava o Brasil da festa, do prazer. Em suas palavras, a chegada lhe causava ‘um enorme ‘esplendor’- e não um imenso calor.

O olhar de Manuel para a nova terra reforça o perfil do Manuel romântico, sonhador, movido pelo prazer e pela fantasia e em busca de relações mais calorosas, pois, como diz em uma outra passagem de sua narrativa, “o brasileiro é muito mais carinhoso”.

As condições de reportabilidade em Manuel e Arnaldo estiveram, portanto, vinculadas à exposição de suas identidades e à projeção dos ângulos mais favoráveis da imagem pública que cada um reivindica para si.

#### **4 O trabalho – a reportabilidade e a coerência identitária**

Para Giddens (1991b), as condições de modernidade favoreceram a construção do eu como um projeto reflexivo, caracterizado pela busca que o indivíduo realiza para achar a sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos, isto é, pelos sistemas de conhecimentos técnicos que permeiam a nossa vida social. Para Sennett (2001), o que vem impondo limites à coerência identitária de um indivíduo no mundo moderno é o modelo de capitalismo flexível.

De acordo com Sennet, o tempo no novo capitalismo nem sempre nos permite manter ou salvar traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem. A flexibilidade e o curto prazo que caracterizam a sociedade moderna não oferecem muita coisa,

econômica ou socialmente, para o estabelecimento em nós de valores duradouros, para a possibilidade de sermos autores de nossas vidas. A aceitação da mudança como algo normal dificulta ações de longo prazo, aplicações atemporais de princípios éticos, divorciando vontade de comportamento. Em suas palavras, o curto prazo vem ameaçando a capacidade das pessoas de transformar seus caracteres em narrativas sustentadas.

Em contraste, o tempo na sociedade dos nossos imigrantes era mais linear. Os relatos das diferentes experiências de trabalho longe de lembrar o que se entende hoje como 'empregabilidade', mostram a permanência por toda uma vida num mesmo emprego/ trabalho, a conquista planejada do sucesso profissional, através do trabalho árduo. Ambos narram sua história como autores dessa história, como homens que se orgulham do que passaram para construir o que possuem.

Também o que define o reportável nas histórias de trabalho não é apenas extraordinariedade das experiências de trabalho árduo, quase escravo, a que foram submetidos os imigrantes, especialmente os menos escolarizados. O que parece orientar a escolha das histórias de trabalho é o que elas revelam sobre a coerência identitária dos narradores, ancorada no auto-respeito adquirido pelo trabalho, na consciência de competências e habilidades para o atingimento das metas pessoais - seja a da ascensão material e financeira, seja a do reconhecimento social.

É, assim, que são situados os relatos das primeiras experiências de trabalho de imigrantes de baixa escolaridade:

**(8)**

Manuel: sujeitava-se como eu me sujeitaria a trabalhar no armazém. Carregar os caixotes (...) eu estava disposto também

**(9)**

Arnaldo: ainda eu era bastante criança. que nunca havia trabalhado, saí da escola pra cá. aqui tinha hora para entrar, mas não tinha hora para sair. e bota caixão na cabeça, coisa que nunca tinha feito na vida. olha, duas coisas que eu fiz. uma foi eu conseguir dormir andando e a outra foi chorar e lamentar que não houvesse deserto, que se houvesse eu ia pelo deserto afora e voltava pra terra.

'Carregar caixotes' simboliza as tarefas pesadas e menos valorizadas a que um imigrante, com ou sem formação, pode ter que se submeter para obter o trabalho. Mas 'carregar caixotes' simboliza também o significado do trabalho para o imigrante - um meio de servir à família - e para o imigrante português - um povo que se orgulha de ser apontado como trabalhador:

**(10)**

Arnaldo: naquele tempo, os patrões pag-eh era por jornada (por ano). (...) tanto, tanto, tanto andei em cima dele, que seis meses depois, ele me disse que eu ganhava trinta mil réis por mês, ou seja, mil réis por dia. eu queria mandar pra terra quanto eu ganhava,

botar uma notinha dentro do envelope. Ah, eu fiquei muito triste que eu já estava devendo vinte e oito a ele.

**(11)**

Arnaldo: nas casas que eu trabalhava, ou que eu trabalhei, sempre fui querido pelo patrão, e pelos empregados, colegas. a razão ... não estava ... tanto ... na maneira como eu os tratava. embora fossem ( ) é lógico. mas sim porque eu era dedicado, eu trabalhava com gosto, com prazer.

A organização das histórias de trabalho é controlada por um fio narrativo – a exposição do caráter ético daqueles homens enquanto indivíduos e membros da cultura portuguesa. Um caso emblemático desse propósito é explicitado na decisão de Manuel de contar uma narrativa sobre a boa imagem do povo português no Brasil. O caso remete a uma época em que o governo resolve fazer uma fiscalização no comércio, para averiguar se os comerciantes adotavam condutas prejudiciais ao consumidor. Um comerciante português foi acusado de colocar uma certa proporção de água no leite que vendia. Por essa conduta, foi decretada sua expulsão do Brasil, pena que só o Presidente do país poderia perdoar:

**(12)**

Manuel: (só ) o presidente da república é que podia é decretar a anulação da decisão que ia ser dada pelo ministro da justiça ministério da justiça (...) fizeram uma petição provavelmente o advogado de que enfim estavam há tantos anos, tinha esposa brasileira e filho brasileiro

Ainda que a história pareça desmerecer os portugueses, o fecho revela o quanto ela é contada para reverenciá-los. Afinal, o perdão foi concedido pelo Presidente, mas não pelas razões apresentadas pelos advogados, mas, sim, pelo fato de ele ser português:

**(13)**

Manuel: e que eu nunca eu nunca esqueci, foi dado por seu Getúlio Dorneles Vargas ( ) por ser português (...) não pelo (...) mas por ser português.

Do mesmo modo, que as histórias de trabalho relatadas servem para que os imigrantes exibam o orgulho do povo a que pertencem, elas também servem para expor a grandeza moral desses homens que não desmerecem a terra onde nasceram.

Nas duas narrativas que se seguem, veremos como os narradores constroem-se como portugueses e, ao mesmo tempo, se apresentam sob uma luz favorável, introduzindo atributos culturalmente aceitos como positivos em referência a eles próprios.

A primeira é de Arnaldo, contando sobre a demissão de seu irmão, recém-chegado da terra, do armazém onde Arnaldo era gerente:

**(14)**

Arnaldo: Quando foi Domingo, fechou-se a porta, (incompreensível) a limpeza, coisa e tal. Fomos almoçar às duas e tanta da tarde. E lá pelas três e tanto ele mandou um caixeiro que chamava-se meu irmão, pra levar-lhe uma meia dúzia de garrafa de cerveja lá no freguês.(2.0) aí nisso, meu irmão demorou. Aí o mesmo caixeiro voltou a chamar, demorou. aí vem o patrão, senhor Gomes: “Oh! seu Alberto”, “Diga senhor Gomes” (( respondeu Arnaldo)) “mandei duas vezes chamá-lo aqui pra levar umas cervejas e até agora ele não veio”, “ele está se vestindo, senhor. ele estava nu. o senhor sabe. almoçamos tarde. ele foi tomar o seu banho, depois do almoço. ele está se vestindo pra ele ir passear. mas o senhor Gomes, hoje é domingo. o senhor compreende. leve isso mais em conta.” “então tá bom.” quando meu irmão desceu, não foi preciso mais levar as cervejas, porque já tinha mandado outro. e quando eu saí às sete horas, ele fez um psi-psi e eu eu voltei. era ele. estava com dois envelopes na mão, dizendo: “olha aqui, as suas contas e a do seu irmão.”(...) e eu disse: “seu Lopes. o senhor quer roubar-me o prazer do meu passeio? até amanhã.” e deixei-o com os envelopes na mão. (2.0). outro dia de manhã, levantamos, fomos tomar café, como se empregados tivéssemos. e depois então, eu fui lá. “senhor Gomes, o senhor quer falar comigo?” “é ... o senhor disse uma coisas que nunca ninguém me disse.” “eu lamento, mas talvez o senhor não tenha tido empregados aqui que tivessem a noção de responsabilidades e de direitos. mas nós temos essa noção. e o senhor queria me mandar embora num domingo, no domingo, é o meu dia de descanso. Mas o senhor pode me mandar embora hoje que é segunda-feira. e eu estou aqui pra isso.”

Mais uma vez, Arnaldo gerencia com habilidade a sua fragilidade e a sua grandeza. O patrão explorador, como o mar, é enfrentado com altivez. Mais do que expor a extraordinariedade de um tempo em que não havia leis trabalhistas, a história da demissão mostra que Arnaldo e seu irmão são pessoas responsáveis e que conhecem seus direitos como seres humanos.

As histórias de trabalho de Manuel também servem para exibir a sua formação moral. Uma história emblemática é a da reestruturação da sociedade com a morte de um dos sócios. Manuel foi, durante 23 anos, sócio de dois mineiros e um português, numa empresa atacadista de laticínios. Em função de um novo contexto comercial trazido pela entrada dos supermercados, Manuel e os sócios decidiram sair do atacado e ir para o varejo, abrindo uma loja de laticínios onde foi trabalhar com ele a esposa de um dos sócios – D. Teresa.

A sociedade começou a ser modificada com a morte do sócio português, o marido de D. Teresa:

**(15)**

Manuel: mas morreu também o meu sócio que era marido da dona Teresa, pessoa extraordinária (...) e ele deixou-me a obrigação d’eu

assumir a firma depois para mesmo pra dar garantias à esposa porque ela era empregada da firma e tinha mais dois sócios que eram mineiros e não aceitavam que ela continuasse - que ela fizesse parte da firma. mas eu procurei porque o (marido da D. Teresa) é um sujeito tão correto tão bom amigo etc que eu queria ter alguém assim para - então fiquei ao lado dela e consegui que ela passasse para sócia.

A morte do amigo não é o único fator complicador que torna a história contável. A história da morte expõe a lealdade de Manuel, que desiste de se afastar da firma para proteger a viúva.

A mesma história serve também para exibir as habilidades comunicativas de Manuel. Através de um discurso relatado, ele mostra a estratégia utilizada para fazer os sócios mineiros aceitarem a 'amiga':

**(16)**

Manuel: "se o senhor tivesse falecido e sua esposa tivesse, o senhor gostaria que fizesse ...?" (...) então ficamos com cinquenta por cento cada um ... ah e eu neste entretanto eu consegui comprar uns imóveis.

O gerenciamento das impressões que Manuel provavelmente quer causar em sua audiência inclui ainda um outro desdobramento dessa história. Foi também por motivos éticos que ele desiste num outro momento de trabalhar na loja sozinho com D. Teresa, ainda que mantivesse com ela a sociedade nos imóveis comerciais:

**(17)**

Manuel: e foi assim, a razão de eu me afastar naquela ocasião. ao invés de continuar, eu preferi me afastar porque ... sabe porque? no futuro, (...) e analisar más intenções e eu estar ali com um senhora (...) e não era isso.

O sentido extraordinário do evento está na preocupação, segundo ele infundada (*e não era isso*) de que as pessoas pensassem mal daquela mulher - já que a sociedade costuma ser mais generosa com os homens nessas situações. O relato desse caso confirma os princípios éticos que Manuel reivindica para si. Ele respeitou a vontade do amigo e a procurou evitar possíveis interpretações que colocassem em risco a moral da viúva.

As narrativas do trabalho sustentam a coerência identitária que as condições de trabalho no velho capitalismo permitem construir. Os imigrantes se apresentam como um homem capaz de se adaptar às circunstâncias, mas não de ser quebrado por elas, como o que acontece em tempos de capitalismo flexível.

## Conclusão

O exame dos relatos de experiência de imigração confirma as relações entre o ponto e a reportabilidade de uma narrativa. Confirma também que a

reportabilidade está diretamente relacionada a um conjunto de preocupações interacionais do narrador e a questões interpessoais (ver Schiffrin, 1996).

No caso do relato de histórias de vida, em situação de entrevista, uma preocupação crucial dos narradores é a definição dos aspectos através dos quais eles querem ser reconhecidos. O sentido de reportabilidade, portanto, pode não se limitar ao sentido de extraordinariedade que torna um fato contável. Afinal, um evento extraordinário é sempre uma possibilidade dentre outras relatáveis.

Do mesmo modo, as dimensões identitárias expostas em narrativas são sempre uma possibilidade dentre outras. Nas histórias de vida analisadas, as dimensões identitárias expostas mostram as afiliações dos indivíduos a categorias sociais mais amplas (como nacionalidade, etnia, gênero, classe social, religião, etc.); mas revelam também, através de um delicado trabalho de gerenciamento de impressões, o modo como aqueles indivíduos se posicionam em diferentes momentos da interação e querem ser vistos.

A reportabilidade é uma condição estrutural da narrativa, mas é também um produto do processo interacional em que essa narrativa acontece.

### Abstract

This paper examines the notion of reportability as a main component in the process in which the narrator exposes his/her identity, whether in local and situated dimensions or in historical and socio-cultural dimensions. The historical analysis of the lives of two Portuguese immigrants, retold in the setting of an interview, shows that reportability is not only a structural condition of the narrative but is a product of the interactional process in which it occurs.

Key words: narrative, identity, immigrant, reportability.

### Referências

BASTOS, Liliana Cabral. Apresentação do trabalho "Trajetórias de imigrantes portugueses: dimensões locais e sociais da construção da narrativa", na mesa-redonda "A interação situada e estruturas sociais mais amplas". III Congresso Internacional da ABRALIN, 13 a 15 de março, 2003, UFRJ, Rio de Janeiro.

BASTOS, Liliana Cabral; OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Apresentação do trabalho "Contemporary Portuguese Career Trajectories in Brazil", no simpósio "The Immigrant and the workplace", da Scientific Commission for Communication in the Professions. AILA 2002, Cingapura, Book of Abstracts, p. 33.

BASTOS, Liliana Cabral. Estórias, vida cotidiana e identidade - uma introdução ao estudo da narrativa. In: CALDAS-COULTHART, Carmem Rosa (Org.) *Práticas discursivas: da teoria à ação social. Homenagem a Malcolm Coulthart*. São Paulo: Contexto. No prelo.

BASTOS, Liliana Cabral; OLIVEIRA, Maria do Carmo L. Healthcare and bureaucracy: persons and dramas in a health insurance company. In: de FINNA, SCHIFFRIN, BAMBERG, *Discursive Construction of Identities*, Cambridge, Cambridge University Press. No prelo.

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001 [1986].
- BAUMAN, Richard. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BRUNER, Jerome. *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: the social construction of selves. *Journal for the Theory of Social Behavior*, n. 20, p. 43-63, 1990.
- DUBAR, Claude. *La crise des identités. L'interprétation d'une mutation*. Paris: PUF, 2000.
- GERGEN, Kenneth; GERGEN, Mary M.. Narratives of the self. In: HINCHMAN L.P., HINCHMAN S.K. (Orgs.). *Memory, identity and community*. Albany, NY: State University of New York Press, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-Identity. Self and Society in Late Modern Age*. Stanford: Standord Univeristy Press, 1991 a.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991 b.
- GOFFMAN, Ervin. *A representação do Eu na vida Cotidiana*. Trad. M. Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989 [1959].
- \_\_\_\_\_. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Tradução de J. Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114. ["On face work. In: Interaction ritual. New York, Pantheon Books, 1967. p. 5-45]
- \_\_\_\_\_. Footing. In: RIBEIRO, Branca, T. GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1981].
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPA, [1992] 1999.
- JOHNSTONE, B. Narrative. In: Schiffrin, D.; Tannen, D. Heidi, E (Eds.). *The Handbook of discourse analysis*. Molden/Oxford: Blackwell, 2001, p.635-649
- LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV W., *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, William; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- LINDE, Charlotte. *Life Stories, the creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. Narratives in Institutions. In: Schiffrin, D.; Tannen, D. Heidi, E (Eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Molden/Oxford: Blackwell, 2001, p. 518-535
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Publicações Dom Quixote, [1978] 1992.

MISHLER, Elliot. *Storylines. Craftartists' narratives of identity*. Cambridge: Harvard Univeristy Press, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Identidades Fragmentadas. A Construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

OCHS, Elinor. "Constructing Social Identity: a language socialization perspective". *Research on Language and social Interaction*, v. 26, n. 3, p. 287-306, 1993.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de, BASTOS, Liliana Cabral. Saúde, doença e burocracia: pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: RIBEIRO, Branca Telles, COSTA LIMA, Cristina e DANTAS, Maria Tereza Lopez (Orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*, Edições IPUB/UFRJ, 2001, p.1 61-187.

OLIVEIRA et al., Projeto "Discurso e prática sócio-cultural em empresas luso-brasileiras - ACORDO DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA - PROGRAMA CAPES/ICCTI". Universidade de Lisboa/ Portugal, PUC-Rio, PUC-SP, UFJF. 1999 - 2003.

OLIVEIRA, Lucia Pacheco; OLIVEIRA, Maria do Carmo L; PEREIRA, Maria das Graças Dias. O questionário como instrumento metodológico no estudo da variação cultural em reuniões empresariais brasileiras. *Comunicação, Cultura e Interação em Contextos Organizacionais*. No prelo.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de; SILVEIRA, Sonia Bittencourt. Comunicação "Deslocamentos geográficos de Identidade: um estudo da (re) construção de identidade do imigrante português e brasileiro". I Colóquio anual de Lusofonia da SLP, Porto, 18 e 19 de outubro de 2002.

RIBEIRO, Branca Telles; HOYLE, Susan M. Frame Analysis. *Palavra*, v. 8, p. 2002.

SENNET, Richard. *A corrosão do Caráter*. São Paulo: Record, 1999.

SCHIFFRIN, Deborah. "Narrative as self-portrait: sociolinguistic construction of identity". *Language in Society*, v. 25, n. 2, p. 167-203, 1996.

\_\_\_\_\_. Mother/daughter discourse in Holocaust oral history: "because then you admit that you're guilty". *Narrative Inquiry*, v. 10, n. 1, p., 2000.

SOARES, Maria de Lourdes. Da nação cruzada à nau-alada: a identidade portuguesa no ensaísmo de Eduardo Lourenço. In: LOPES, Luiz Paulo Moita; BASTOS, Liliana Cabral. *Identidades. Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas, São Paulo, Mercado de Letras, 2002. p. 201-218.

## ANEXO

### *Convenções de Transcrição*

...	pausa não medida
(2.3)	pausa medida
.	entonação descendente ou final de elocução

?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<b>MAIÚSCULA</b>	fala em voz alta ou muita ênfase
: ou ::	alongamentos
[	início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
( )	fala não compreendida
<b>(palavra)</b>	fala duvidosa
<b>(( ))</b>	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada